

CC 2 – Bahia representações de cidade e de sertão na História e na Literatura

Coordenadora: Celeste Maria Pacheco de Andrade

Victor Hugo e a Vendéia em *Os Sertões*: historiografia e literatura em Euclides da Cunha

Raimundo Nonato Pereira Moreira^(*)

Ao longo das últimas três décadas, muitos historiadores têm (re) estabelecido canais de diálogo com a literatura. Assim, se durante um século os dois campos pareciam estar em permanente oposição, pois a história estava calcada na pesquisa paciente e na minuciosa verificação documental, enquanto a literatura aparentava prescindir de tais exigências (já que as suas narrativas estavam abertas à pura imaginação), os desdobramentos do que convencionou denominar *crise de paradigmas das ciências humanas* possibilitaram uma (re) aproximação entre os amantes de Clio e de Calíope. No Brasil, fatores como o crescimento dos programas de pós-graduação, a valorização dos trabalhos de feição historiográfica e a circulação das teses de Paul Veyne, Hayden White, Michel de Certeau e Lawrence Stone, entre outros, possibilitaram à comunidade dos historiadores intervir no intenso debate, travado ao longo dos anos noventa, acerca das movediças fronteiras entre a história e os distintos gêneros literários. Conseqüentemente, temos atentado para questões até então marginais ao nosso *métier*: a intertextualidade na escritura da história, a narrativa na historiografia e mesmo a relativização dos limites tradicionais entre realidade e ficcionalidade na operação histórica.

Os elementos acima suscitados nos possibilitam esboçar as breves considerações que se seguem acerca das relações entre história e literatura em *Os Sertões* no ano do seu centenário. A natureza problemática de *Os Sertões* pode ser enfocada como um exemplo de “gêneros misturados”, no qual as linhas de demarcação entre os elementos históricos e os ficcionais são complexas e sinuosas. Sob essa perspectiva, Euclides da Cunha (1866-1909) produziu uma obra que oscila entre o tratamento científico e o enfoque literário. Tratar-se-ia de uma “mescla de gêneros e linguagens”, de caráter

^(*) Doutorando em História pela UNICAMP. Professor de História Contemporânea na UNEB – Campus II/Alagoinhas. Endereço eletrônico: marrano @unicamp.br.

híbrido, uma via intermediária entre a narrativa e o ensaio. Em suma, Euclides “recorreu a formas de ficção, como a tragédia e a epopéia, para compreender o horror da guerra e inserir os fatos em um enredo capaz de ultrapassar a sua significação particular”¹.

Assim, desde o seu lançamento, *Os Sertões* desafia qualquer inscrição esquemática em um gênero literário definido, pois sua construção narrativa parece se esgueirar entre o real e o imaginário, o histórico e o ficcional, o artístico e o científico. Às vésperas do centenário de lançamento, diversos profissionais das ciências humanas ainda discutem o seu estatuto discursivo. Para os historiadores, dizer algo *original* sobre *Os Sertões* não é uma empresa das mais fáceis – mesmo porque a efeméride relacionada aos cem anos do massacre de Canudos, em 1997, resultou na produção de inúmeros trabalhos escritos, encontros e conferências que exploram a temática em foco.

Nos limites de nossa pesquisa, os aportes que oferecemos ao debate são extremamente modestos: objetivamos discutir alguns dos possíveis influxos exercidos por Victor Hugo (1802-1885) e por seu romance *Quatrevingt-treize* (1874) sobre a narrativa de *Os Sertões*. A partir desse escopo, buscamos argumentar que Euclides da Cunha incorporou aspectos da obra ficcional de Hugo e do seu referente histórico, a rebelião camponesa da Vendéia (1793-1796), para construir determinados elementos do discurso polifônico sobre a Guerra de Canudos (1896-1897). Assim, dividimos esse trabalho em três momentos. Inicialmente, procedemos a um levantamento das alusões à Revolução Francesa e à Vendéia presentes no conjunto da obra euclidiana. Em seguida, a partir da crítica produzida por alguns estudiosos, problematizamos a apropriação das concepções revolucionárias e da herança hugoana por Euclides. Finalmente, à guisa de conclusão, esboçamos um precário inventário acerca das marcas do *Quatrevingt-treize* no corpo de *Os Sertões*.

I.

No curso da pesquisa, localizamos as primeiras marcas da Revolução Francesa nos escritos euclidianos em um caderno de poesias intitulado *Ondas* (1883), no qual o adolescente Euclides compunha sonetos em louvor aos seus heróis revolucionários *Danton, Marat, Robespierre e Saint-Just*². Cinco anos depois, nas páginas de A

¹ VENTURA, Roberto. Mito e tragédia em Euclides da Cunha. **Folha de São Paulo**, 11 de setembro de 1994. Caderno Mais! p. 6.

² CUNHA, Euclides da. Ondas e outros poemas esparsos. In: _____. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995, p. 700-702.

Província de São Paulo, o então propagandista republicano tecia duras críticas ao Império brasileiro em artigos como *Revolucionários e 1889*. No primeiro texto, além de associar a República a uma necessidade social, propunha aos correligionários um atitude eminente revolucionária, ancorada num meio termo entre o “temperamento tempestuoso de Danton dentro da disciplina mental de Condorcet”³. Distanciando-se, contudo, do espírito jacobino, frisava que “o republicano não vencerá – convencerá; e, tendo enfim dominado os adversários, não os enviará á guilhotina, mandá-los-á para a escola”⁴. Assim, caberia ao republicano brasileiro, “rígido e inexorável, despedaçar, com o mesmo golpe, o trono e a guilhotina”⁵. No futuro próximo, os acontecimentos de Canudos ensinariam a Euclides a distância entre a República dos seus sonhos e a faceta autoritária do novo regime.

Os artigos de Euclides refletiam, em muito, as crenças de determinadas facções republicanas brasileiras. Conforme assinalou José Murilo de Carvalho, os radicais da República falavam em revolução (desejavam que sua chegada coincidissem com o centenário da Francesa de 1789), falavam do povo nas ruas, pediam a morte do Conde d’Eu, cantavam a *Marselhesa* pelas ruas⁶. Ademais, jornais como a *Gazeta de Notícias* e *A Província de São Paulo* publicaram, em 1889, narrativas de autores franceses como Taine, Michelet e Aulard sobre episódios da derrubada do Antigo Regime. No Rio de Janeiro e em São Paulo, O 14 de julho era comemorado com passeatas ao som do hino francês, a canção revolucionária predileta dos cadetes da Escola Militar⁷.

Sem descartar as pistas anteriormente evidenciadas, cabe-nos pontuar que a imagem, por excelência, da Revolução Francesa que se cristalizou na obra de Euclides da Cunha foi aquela relacionada à Vendéia, ou seja, o levante monarquista e clerical que associou nobres e camponeses em oposição à República francesa⁸. As alusões à Vendéia surgem, repetidas vezes, no conjunto da escritura de euclidiana e parecem ter se constituído numa das suas obsessões. A primeira referência explícita à insurreição apareceu numa crônica publica em *O Estado de São Paulo*, datada de 6 de abril de 1892. Nesse texto, estabelecia-se uma comparação entre a sublevação bretã e as

³ Idem, *Revolucionários*, op. cit., p. 599.

⁴ Idem, p. 588.

⁵ Idem, p. 599.

⁶ CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 2001, p. 26.

⁷ VENTURA, Roberto. Euclides da Cunha e a República. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 10, n. 26, jan. abr. 1996, p. 278.

rebeliões que estorvavam o governo Floriano Peixoto. Após constatar que “a república brasileira tem também sua Vendéia perigosa”, Euclides destacava que os rebeldes nacionais não se equiparavam aos “heróicos vendeanos”⁹. Como defensor da nova ordem, encerrava o artigo profeticamente: “A República vencê-los-á, como a grande revolução à Vendéia, com uma diferença fundamental porém – a glória do republicano francês foi verdadeiramente brilhante, graças à própria grandeza dos vencidos”¹⁰.

A simbologia da *chouannerie* retornou ao centro das preocupações euclidianas em março de 1897, no rastro da derrota da expedição Moreira César. Abalado pelos acontecimentos, nosso autor redigiu dois artigos, publicados nas edições de 14 de março e 17 de julho de *O Estado de São Paulo*, emblematicamente denominados *A Nossa Vendéia*. Sob a perspectiva de Euclides, a motivação política de ambos os movimentos era evidente: “Como na Vendéia o fanatismo religioso que domina as suas almas ingênuas e simples é habilmente aproveitado pelos propagandistas do Império”¹¹. No corpo do mesmo artigo, estabeleciam-se nexos de identidade entre os vendeianos e os jagunços: “O *chouan* fervorosamente crente ou o *tabaréu* fanático, precipitando-se impávido à boca dos canhões que tomam a pulso, patenteiam o mesmo heroísmo mórbido difundido numa agitação desordenada e impulsiva de hipnotizados”¹².

Em agosto de 1897, Euclides embarcou para Salvador, integrando a comitiva do marechal Carlos Bittencourt, cujo destino final seria Canudos. O então correspondente de *O Estado de São Paulo* foi incumbido de produzir reportagens acerca da Guerra e um livro sobre a história do movimento, provisoriamente batizado *A Nossa Vendéia*. Os espectros da Revolução Francesa povoavam o seu fértil imaginário... Assim, em 7 de agosto, na Baía de Todos os Santos, relacionava os “cúmulos pesados” que se erguiam sobre os sertões com uma “situação social tempestuosa” e escrevia: “[...] Que a nossa Vendéia se embuce num largo manto tenebroso de nuvens, avultado além como a sombra de uma emboscada entre os deslumbramentos do grande dia tropical que nos alenta. [...] A República é imortal!”¹³.

⁸ PÉRONNET, Michel. Vendéia. In: _____. **A Revolução Francesa em 50 palavras-chaves**. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 276-282. Ver também DUPUY, Roger. Vendéia e Chouannerie. In: VOVELLE, Michel. **França revolucionária (1789-1799)**. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 295-299.

⁹ CUNHA, Euclides da. Dia a dia. In: _____. **Obra completa**, p. 656.

¹⁰ Idem, p. 656-7.

¹¹ Idem. *A Nossa Vendéia*. In: _____. **Canudos** (Diário de uma expedição). Rio de Janeiro: José Olympio, 1939, p. 167.

¹² Idem, *ibidem*.

¹³ Idem. **Canudos** (Diário de uma expedição), p. 6-7.

Antes de tomar contato com o que denominava “arraial maldito”, Euclides partilhava da teoria conspiratória, veiculada pelos jacobinos e por órgãos da imprensa, segundo a qual a revolta no interior da Bahia era a ponta de lança de um amplo projeto de restauração monárquica no Brasil. Mesmo após constar, *in situ*, quão frágil e inverossímil se apresentava a metáfora da Vendéia, essa imagem permaneceu ativa nas referências euclidianas. Em 29 outubro de 1897, o *Diário de Notícias* fazia saber: “O ilustrado Dr. Euclides da Cunha [...] vai publicar um interessante livro sob o título *Nossa Vendéia*, do qual o Jornal do Comércio dá o seguinte esboço das duas primeiras partes”¹⁴. A metamorfose desse esquema em *Os Sertões* somente ocorreu no final de 1897.

No corpo de *Os Sertões*, não obstante o abandono, a denúncia e o escárnio frente à teoria conspirativa, os símbolos e os signos da *chouannerie* – tal qual os guerrilheiros sertanejos – ressurgiam, teimosamente, por entre as fendas do texto:

Vimos no agitador sertanejo, da qual a revolta era um aspecto da própria rebeldia contra a ordem natural, adversário sério, estrênuo paladino do extinto regime, capaz de derruir as instituições nascentes.
E Canudos era a Vendéia...¹⁵

Malgrado os defeitos do confronto, Canudos era a nossa Vendéia. O chouan e as charnecas emparelham-se bem como o jagunço e as caatingas. O mesmo misticismo, gênese da mesma aspiração políticas; as mesmas ousadias servidas pelas mesmas astúcias, e a mesma natureza adversa, permitiram que se lembrasse aquele recanto lendário da Bretanha [...] ¹⁶.

O espantinho da restauração monárquica negrejava, de novo, no horizonte político atroado de tormentas. A despeito das ordens do dia em que se cantava vitória, os sertanejos apareciam como os chouans depois de Fontenay.

Olhava-se para a História através de uma ocular invertida: o bronco Pajeú emergia com o fácies dominador de Cathelineau. João Abade era um Charette de chapéu de couro ¹⁷.

Portanto, a imagem da Vendéia estava marcada por uma oscilação, que denotava a incerteza ou a dúvida do autor no tocante à sua aplicação ao caso de Canudos, ora mostrava a semelhança (*símile*), ora mostrava a identidade (*metáfora*). “Se Canudos não é a Vendéia em sua forma completa, ao menos se parecerá com ela”¹⁸. De qualquer

¹⁴ Apud BERNUCCI, Leopoldo M. **A imitação dos sentidos**: prógonos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha. São Paulo: EDUSP, 1995, p. 26.

¹⁵ CUNHA, Euclides da. **Os Sertões** (Campanha de Canudos). São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, p. 318.

¹⁶ Idem, p. 365-366.

¹⁷ Idem, p. 626-627.

¹⁸ BERNUCCI, op. cit., p. 26.

modo, a idéia da insurreição contra a Revolução Francesa, vista como análoga ao movimento de Canudos, é um dos sustentáculos teóricos da escritura euclidiana da história.

II.

A correlação estabelecida por Euclides, entre o processo revolucionário francês e o contexto brasileiro do final do século XIX, coloca-nos uma questão: a partir de quais referências historiográficas, literárias ou sociológicas foram construídas tais ilações? Sabe-se que a temática da contra-revolução foi objeto de romances históricos, a exemplo de *Le Dernier Chouan* (1829), escrito por Balzac. Por outro lado, Michelet, em sua *História da Revolução Francesa*, narrou os episódios da Vendéia. Contudo, os indícios encontrados nos escritos de Euclides nos levam a sugerir que a fonte na qual ele filtrou a metáfora da Vendéia foi o romance histórico *Quatrevingt-treize*, de Victor Hugo¹⁹. O romance em questão está condensado no ano de 1793, no departamento da Vendéia, oeste da França, e narra a guerra civil que opôs os camponeses e os nobres da Bretanha às tropas republicanas e aos seus locais. Conforme discutiremos posteriormente, a leitura da obra de Hugo possibilitou a Euclides estabelecer as analogias entre a Vendéia e Canudos.

A tradição interpretativa da obra euclidiana não se deteve exhaustivamente aos influxos hugoanos sobre o autor de *Os Sertões*. Como destacou Francisco Foot Hardman, os críticos têm ressaltado muito o papel desempenhado pela ideologia do progresso. Engenheiro e oficial do Exército, era previsível que o pensamento de Euclides fosse perpassado por idéias relacionadas aos grandes movimentos político-culturais da sua época: positivismo, evolucionismo, materialismo, socialismo reformista, republicanismo²⁰. Entretanto, aparece uma outra polaridade que marca profundamente a sua obra: “trata-se de um romantismo de base hugoana, que provoca em sua prosa e poesia uma interessante combinação estética de sublime, dramatização da natureza e da história e discurso socialmente empenhado”²¹. Saliente-se que essa matriz não foi um apanágio de Euclides, mas marcou outros escritores da sua geração.

¹⁹ HUGO, Victor. **Quatrevingt-treize**. Paris: Garnier-Flamarion, 1965. As citações mencionadas no presente trabalho são da tradução em língua portuguesa **Noventa e Três**. Porto: Lelo & Irmão, 1977.

²⁰ HARDMAN, Francisco Foot. Brutalidade antiga: sobre história e ruína em Euclides da Cunha. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 10, n. 26, jan. abr. 1996, p. 293-294.

²¹ Idem, p. 294.

Para Nicolau Sevcenko, por mais paradoxal que se apresente a questão, em meio à sólida postura cientificista de Euclides, não deixa de ser fascinante o fenômeno da “consciência dividida” – tão característico do crepúsculo do século XIX – que vibra no cerne da sua obra. Assim, romântico, das cores carregadas e desabridas de Victor Hugo e Alfred de Musset, estendeu o seu culto ao determinismo mais obstinado de Comte, Spencer e Gumplowicz. “Euclides da Cunha possuía igualmente vivos em si [...] os dois mundos que se negavam um ao outro [...] que se opunham pela própria raiz da identidade: o século XIX, literário, romântico e idealista; e o século XX, científica, naturalista e materialista”²².

Por seu turno, Adelino Brandão destacou que falar da influência de Victor Hugo sobre a literatura brasileira do século XIX é quase um truísmo²³. O mesmo estudioso acrescentou que os parentescos psicológicos e de estilo existentes entre Hugo e Euclides resultaram nos impressionantes paralelos entre *Noventa e Três* e *Os Sertões*. Aqui, valeria a pena recordar certos traços comuns: a onipresença da natureza e o caráter vingador da literatura, a denúncia dos crimes e injustiças cometidos pela coletividade²⁴.

Os comentários supracitados demandam que nos debrucemos mais atentamente sobre as marcas hugoanas na escrita de Euclides. As referências ao escritor francês espalham-se desde os trabalhos juvenis até as obras maduras do nosso autor. No poema *Último canto* (1883), por exemplo, o jovem Euclides explicitou sua admiração por “esse arquiteto audaz do pensamento”²⁵. Em 1885, quando da morte do autor de *Os Miseráveis*, Euclides publicou a poesia *O Mestre*²⁶. Em 1892, nas páginas de *O Estado de São Paulo*, reverenciou a memória do romancista e frisou os dois traços que mais o atraíam: o sentimento de Pátria e o “consórcio final da Arte e da Filosofia”²⁷. Finalmente, embora não seja diretamente aludido no texto final de *Os Sertões*, Victor Hugo estava presente no imaginário euclidiano.

Numa perspectiva complementar, refletir acerca dessa herança significa passar em revista, mais uma vez, os usos e abusos da idéia de Revolução Francesa no Brasil de fins do século XIX. Para Walnice Nogueira Galvão, a Grande Revolução aparece como o evento histórico mais importante no quadro de suas referências euclidianas. Não

²² SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 131-133.

²³ BRANDÃO, Adelino. Euclides da Cunha e Victor Hugo. In: _____. **Enciclopédia de estudos euclidianos**. Jundiaí: Jundiaí, 1982, v. 1, p. 25.

²⁴ Idem, p. 26, 39 e 43.

²⁵ CUNHA, Último canto, **Obra completa**, p. 708.

²⁶ ARARIPE JÚNIOR. Victor Hugo. In: _____. **Obra crítica de Araripe Júnior**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Casa de Rui Barbosa, 1958, v. 1, p. 412.

somente o nosso autor, mas boa parte da sua geração, formada na segunda metade do século XIX, tinha nela o modelo de liquidação do Antigo Regime brasileiro – estamental, monarquista e escravocrata. “Por uma curiosa defasagem, os cem anos, que vão de 1789 a 1889, datas de instauração da Revolução Francesa e da proclamação da República, criam uma série de equívocos”²⁸.

Assim, não somente Euclides, mas o próprio Exército requeria para si os papéis de realizador e consolidador da Revolução Francesa no Brasil. Na Escola Militar, Benjamin Constant pregava o ideal do soldado como um “cidadão armado”, imbuído de uma missão civilizatória, humanitária e moral. Portanto, em face de tais deslocamentos, “estava pronto para ser usado – como de fato o foi, até para legitimar a chacina dos pobres em Canudos – o mito da Revolução Francesa à moda da casa”²⁹.

Em meio a esse festival de equívocos, a questão mais espinhosa era o paralelismo vendeiano de Euclides. Como se sabe, a rebelião bretã torceu a maior parte dos símiles e da reflexão histórica sobre a Guerra de Canudos³⁰. Assim, os artigos da série *A nossa Vendéia* foram escritos sob uma atmosfera política e intelectual que representava Canudos como foco de uma contra-revolução monarquista internacional, com sede em Nova Iorque, Paris e Buenos Aires, com ramificações e apoio logístico no território brasileiro. A primeira denominação euclidiana ao fenômeno sertanejo apresentou-se tão feliz e oportuno que se alastrou, foi muito glosado e chegou a ser o título provisório de *Os Sertões*. Mas, então, o próprio Euclides teve que aprender, duramente, que Canudos não era “a nossa Vendéia”. Entretanto, “não calhava mal naquele momento a lembrança da contra-revolução oriunda da aliança entre nobres e camponeses que fustigara a Revolução Francesa por dentro, enquanto os países europeus atacavam de fora”³¹.

No corpo de *Os Sertões*, Euclides buscou renegar explicitamente a analogia entre os dois fenômenos supracitados. No entanto, nunca conseguiu desvencilhar-se da mesma. Contra a sua vontade, volta a retomá-la, seja para criticá-la, seja para confirmá-la. “A crítica almejada, e realizada ao nível das idéias, é insidiosamente minada pela

²⁷ CUNHA, Dia a dia, **Obra completa**, p. 679.

²⁸ GALVÃO, Walnice Nogueira. Euclides e a Revolução Francesa. In: _____. **Gatos de outro saco: ensaios críticos**. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 85-86.

²⁹ Idem. Euclides da Cunha. In: PIZARRO, Ana (Org.). **América Latina: palavra, literatura e cultura**. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1994, v.2, p. 621.

³⁰ Idem, Euclides e a Revolução Francesa, p. 88.

³¹ Idem, Euclides da Cunha, p. 623.

insistência nos símiles”³². Eis o porquê dos constantes paralelos entre as paisagens físicas da Bretanha e dos sertões, ou entre os *chouans* e os *jagunços*, ou ainda entre os misticismos e a aspiração monárquica característicos de ambos os movimentos.

Como destacou Leopoldo Bernucci, a temática da Vendéia aparece nos escritos euclidianos como uma das suas idéias mais emblemáticas. Assim, mesmo antes da produção do “seminal ensaio” sobre o movimento sertanejo (*A Nossa Vendéia*), já na crônica de abril de 1892, “a idéia da insurreição contra a Revolução Francesa, vista como correlato do fenômeno Canudos, começa a germinar nos ensaios citados”³³. Portanto, “a matriz já estava construída em 1892 para moldar os textos vindouros”³⁴.

Em *Os Sertões*, as correlações estabelecidas entre a Vendéia e Canudos são fortes e tentadoramente persuasivas, mas, também, são esporádicas, passageiras e, sobretudo contraditórias. Nessa perspectiva, as leis evolucionistas e deterministas vigentes, à época, tanto no pensamento europeu quanto no brasileiro, e os modelos historiográficos importados produziram uma simetria perversa entre passado e presente. De maneira complementar, estabeleciam-se correlações entre as lutas da República francesa contra o *Ancien Régime* e a nossa conquista republicana debatendo-se contra as sobrevivências do espírito monárquico. Assim, “construir paralelos muito estreitos entre os *chouans* e os *jagunços*, intercambiando apenas lugares – a Vendéia poderia ser aqui como Canudos poderia ser lá – era um meio útil e sagaz mas extremamente perigoso para o desenvolvimento das suas teorias”³⁵.

No caso específico da herança de Victor Hugo sobre a formação intelectual euclidiana, o romântico francês proporcionou ao nosso escritor uma entrada mais iluminadora ao fenômeno da Vendéia. Abandonando a perspectiva historiográfica de Michelet, descartando a ironia de Tocqueville e mesmo ignorando as lições de Carlyle, Euclides recorreu à terceira parte do *Quatrevingt-treize*. Para Euclides, “ler esta versão histórico-literária da Revolução Francesa importava em encontrar um diapasão que o colocasse entre a nota da história, como comprovante dos fatos e a nota da ficção que suprindo os vazios daquela, acrescentava-lhe [...] ‘os sonhos dos homens’”³⁶.

Segundo Roberto Ventura, representado sob a denominação genérica de “Revolução Francesa”, o processo de liquidação do Antigo Regime manifestou-se de

³² Idem. Euclides e a Revolução Francesa, Op. cit., p. 88.

³³ BERNUCCI, op. cit., p. 25-26.

³⁴ Idem, p. 27.

³⁵ Idem, p. 26-27.

³⁶ Idem, p. 27-28.

forma paralela na sociedade brasileira do final do século XIX, justificando o emprego da metáfora Vendéia. Assim, colocam-se duas questões: a universalização da Revolução Francesa, que adquire um *caráter exemplar*, e a inserção de sociedade nacionais em um modelo normativo de história universal³⁷. A superposição dessas questões traz à tona o problema relativo à função e ao sentido que paradigmas de ação e pensamento adquirem quando deslocados dos seus contextos de origem. “Deve-se indagar sob que formas, condições e limites, o paradigma da Revolução *Francesa* se converte em modelo de uma revolução *nacional*: trata-se [...] de construir, através da tradubilidade entre duas culturas nacionais, uma ‘repetição identificatória da história’³⁸.”

Sob essa ótica, para Euclides e seus contemporâneos, a identificação com o mito revolucionário francês integrava um fenômeno religioso e político (Canudos), que deixou perplexas as populações e as elites urbanas e litorâneas, a um horizonte prévio de expectativas, possibilitando enquadrar o movimento como “monarquista” e “restaurador” – assegurando, pela crença na repetição da história, uma resolução do conflito a favor dos republicanos. A metáfora da Vendéia incorpora Canudos a uma história vivida no imaginário pelos republicanos brasileiros, expurgando as dúvidas e as incertezas quanto ao futuro da nação. Portanto, “a história da Revolução Francesa apresenta no Brasil de fins do século XIX um efeito mítico-ideológico enquanto estrutura fechada de perguntas e respostas, que assimila acontecimentos adversos a um horizonte em que *as perguntas e as respostas já estão dadas*”³⁹.

Entretanto, em *Os Sertões*, nosso autor rompe com essa recepção (e projeção) do liberalismo mediante a crítica de dois fenômenos distintos de mitificação histórica. Apesar da oposição entre critérios de periodização (tempo cíclico e redentor *versus* concepção linear e evolutiva), as versões da história de Canudos de viés monárquico-messiânica e republicano-jacobina foram construídas sobre uma recepção mítica dos eventos históricos. Sob esse enfoque, o desaparecimento de D. Sebastião e a fundação da República brasileira equívalem-se. Ao aproximar, como fenômenos políticos significativamente semelhantes, o messianismo sebastianista e o patriotismo republicano, “desponta, em Euclides da Cunha, a consciência ‘trágica’ do desvio entre o

³⁷ VENTURA, Roberto. “A Nossa Vendéia”: Canudos, o mito da Revolução Francesa e a formação da identidade cultural no Brasil (1897-1902). *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 31, 1990, p. 130.

³⁸ *Idem*, *ibidem*.

³⁹ *Idem*, p. 130-1.

modelo da Revolução Francesa e a sua internalização na história brasileira, levando à definição de uma *identidade diferenciada*⁴⁰.

Contemporaneamente, as relações entre Euclides da Cunha e Victor Hugo foram retomadas por Edgar De Decca, na perspectiva de investigar o que denominou “*Os Sertões e sua cena original*”⁴¹. Esse historiador argumenta que, desde os sonetos dedicados aos líderes jacobinos, o modelo histórico de Euclides não é a Revolução Francesa como um todo, mas um dos seus momentos mais cruciais, o ano de 1793. Deve-se atentar para o indício de que, nos versos dedicados a Marat e a Robespierre, aparece a enigmática referência a *noventa e três*. Assim, seria pertinente questionar: o *noventa e três* da poesia é algo que realmente aconteceu e foi reconstruído por um texto historiográfico ou se trata do romance de Hugo, que têm exatamente esse título? Para De Decca, Euclides constrói literalmente a referência ao *noventa e três* com base na obra de Hugo. “Assim, *noventa e três* não é acontecimento histórico, mas acontecimento literário, um romance histórico escrito [...] por Victor Hugo, romancista francês de grande aceitação nos meios intelectuais brasileiros”⁴².

Nos primórdios da República, Euclides pareceu buscar um evento à altura da contra-revolução francesa de 1793. Entretanto, a grandeza de uma vitória republicana não poderia acontecer em episódios menores, como as revoltas contra o governo Floriano Peixoto. A emergência do problema de Canudos proporcionou ao nosso escritor encontrar a Vendéia brasileira. Assim, desde os primeiros artigos, Canudos estava irremediavelmente preso à sua cena original, ou seja, à imagem da Vendéia anti-republicana construída no romance hugoano⁴³. A caracterização de Canudos como um episódio de reação monarquista não foi uma descoberta euclidiana. Ao contrário, a maioria da imprensa nacional e estrangeira adjetivou dessa forma a rebelião nos sertões da Bahia. Entretanto, somente Euclides, seguido as pegadas de Hugo, concedeu a grandiosidade heróica da Vendéia ao movimento liderado por Antônio Conselheiro⁴⁴.

Contudo, no texto de *Os Sertões*, a imagem da Vendéia monarquista, em que pese o seu papel de mobilizadora da opinião pública em defesa da República, experimenta um abalo de credibilidade e começa a desmoronar, do mesmo modo que a idealização republicana de Euclides. À medida em que a luta avança, o autor parece

⁴⁰ Idem, p. 142.

⁴¹ DE DECCA, Edgar Salvadori. *Os sertões e sua cena original*. In: AGUIAR, Flávio; CHIAPPINI, Lígia. **Civilização e exclusão**. São Paulo: Boitempo, 2001, p. 137-162.

⁴² Idem, p. 140.

⁴³ Idem, p. 142, 155-6.

vacilar diante da imagem arrebatadora da reação republicana. “A Vendéia tomada emprestada de Victor Hugo vai esgarçando-se e a glória tão esperada da vitória republicana vai sendo empanada à medida que as forças militares vão adentrando o arraial”⁴⁵. Nada mais trágico do que a confrontação de Euclides com a cena original por ele mesmo construída e divulgada. “Ruía com a cena original da Vendéia, no mesmo movimento, o próprio ideal da república recém-instalada no país. Essa república nova, desde o seu início, seria marcada por uma outra cena original: a cena de um massacre”⁴⁶.

III.

Ao longo das considerações finais, passamos a desenvolver a seguinte hipótese: existe uma relação de *simetria* entre o *Noventa e Três* e *Os Sertões*, ou ainda, entre os referentes históricos dos livros em questão – respectivamente, a Vendéia e a Guerra de Canudos. Embora nem Hugo nem o seu romance sejam referidos diretamente na obra maior euclidiana, no seu interior abundam indícios que tornam plausível essa hipótese. Assim, Euclides não apenas estabeleceu uma *aproximação histórica sugestiva* entre os eventos que se processaram na Bretanha, no final do século XVIII, e no interior da Bahia, no crepúsculo do século XIX, como também se apropriou e transfigurou elementos do *Quatrevingt-treize* para construir a trama narrativa de *Os Sertões*.

Existe uma notável semelhança entre os títulos de alguns capítulos que integram a terceira parte do *Noventa e Três* (“Na Vendéia”) – “As florestas”, “Os homens” e “A sua vida na guerra” – e os blocos nos quais está segmentado *Os Sertões* – “A terra”, “O homem” e “A luta”. Um rápido exercício de leitura comparada possibilita interessantes analogias no tocante aos estilos narrativos, aos adjetivos aplicados às principais personagens, ao jogo de antíteses característicos de ambos os escritores. Assim, Euclides evidencia que, de forma idêntica a *chouannerie*, os jagunços possuíam “apelidos funambulescos”. Na fase final de *A luta*, por exemplo, os novos cabecilhas de Canudos ganham apelidos, no mínimo, improváveis: Pedro, *o Invisível*, José Gamo e *Caco de Ouro*⁴⁷. O exemplo mais evidente é o paralelo entre o sertanejo Joaquim Macambira e a personagem ardilosa do *Imanus* (*Gouge-le-Bruant*) do romance

⁴⁴ Idem, p. 157.

⁴⁵ Idem, p. 158-159.

⁴⁶ Idem, p. 161.

⁴⁷ BERNUCCI, op. cit., p. 37.

hugoano. Em *Os Sertões*, Macambira foi caracterizado como “espécie grosseira de *Imanus* acobreado e bronco” ou como “espécie de *Imanus* decrépito”⁴⁸.

Ambos os trabalhos destacam a cumplicidade entre os guerrilheiros e a natureza. Nas charnecas ou nas caatingas, os exércitos republicanos enfrentavam inimigos invisíveis em conluio com as forças vivas da natureza. Nas páginas do *Noventa e Três* fica patente que a Vendéia teve por auxiliar a floresta. Assim, “o aldeão tem dois pontos de apoio: o campo que o alimenta, e o bosque que o oculta”⁴⁹. Uma convivência secular vinculava os homens às formações vegetais: “As trágicas florestas bretãs representaram, de novo, o seu papel de servas e cúmplices daquela rebelião, como o tinham sido de todas as outras”⁵⁰. Na guerra, os *azuis* batiam-se contra adversários mágicos, intangíveis: “Batalhões invisíveis estavam de atalaia. Exércitos ignorados serpeavam debaixo dos exércitos republicanos, saíam da terra de repente e tornavam a entrar [...] gigantes para combater, anões para desaparecer”⁵¹. Em suma, na Vendéia, “a alma da terra encarna-se no homem”⁵².

Por sua vez, Euclides destacou as especificidades relacionadas a uma guerra no sertão, a começar por sua intrincada vegetação: “[...] as caatingas são um aliado incorruptível do sertanejo em revolta. Entram também de certo modo na luta. Armam-se para o combate; agridem”⁵³. A mesma simbiose entre a natureza e o combatente nativo, presente na Vendéia, poderia ser vislumbrada nas cercanias de Canudos: “E o jagunço faz-se guerrilheiro-tugue, intangível... As caatingas não o escondem apenas, amparam-no [...] A força militar decai a um plano inferior. Batem-no a terra e o homem”⁵⁴. Portanto, “a natureza toda protege o sertanejo. Talha-o como Anteu, indomável. É um titã bronzeado fazendo vacilar a marcha dos exércitos”⁵⁵.

Assim, parece-nos verossímil supor que o nosso escritor se inspirou no *Noventa e Três* para aproximar determinadas imagens da Bretanha às do sertão e os tipos humanos dos *chouans* aos dos *jagunços*. No tocante ao último aspecto, um confronto entre as imagens manipuladas por Hugo, caracterizando os ataques desfechados pelos vendeianos contra os *azuis*, e por Euclides, narrando o combate travado em Uauá, em 21 de novembro de 1896, torna extremamente problemática traçar uma linha divisória entre

⁴⁸ CUNHA, *Os Sertões*, p. 313 e 648.

⁴⁹ HUGO, op. cit., p. 8.

⁵⁰ Idem, p. 10.

⁵¹ Idem, p. 25.

⁵² Idem, p. 22.

⁵³ CUNHA, *Os Sertões*, p. 357.

⁵⁴ Idem, 357-61.

ficção e história. Se adicionarmos a essas cenas uma terceira, na qual os conselheiristas “reeditaram” o episódio de Uauá, acossando a Expedição Febrônio de Brito, em 19 de janeiro de 1897, seremos tomados por uma sensação de estranhamento. As semelhanças entre tais situações são, no mínimo, reveladoras.

Perchas, forcados, foices, espingardas velhas e novas, facas de mato, espetos, paus ferrados e pregados, tais eram as armas que tinham; alguns traziam no peito uma cruz com dois ossos de defuntos. Atacavam com grande gritaria, surgiam subitamente de toda parte, dos bosques, das colinas, dos caminhos profundos [...] ⁵⁶.

Guiavam-nos símbolos de paz: a bandeira do Divino e, ladeando-a, nos braços fortes de um crente possante, grande cruz de madeira, alta como um cruzeiro. Os combatentes armados de velhas espingardas, de chuços de vaqueiros, de foices e varapaus, perdiam-se no grosso dos fiéis [...] ⁵⁷.

Abandonando as espingardas imperfeitas pelos varapaus, pelos fueiros dos carros, pelas foices, pelas forquilhas, pelas aguilhadas longas e pelos facões de folha larga, os sertanejos enterreiraram-na, surgindo em grita, todos a um só tempo, como se aquele disparo fosse um sinal prefixo para o assalto ⁵⁸.

Portanto, no que tange às analogias estabelecidas pelo nosso autor entre os episódios franceses do final do século XVIII e o panorama brasileiro do final do século XIX, pode-se esboçar a seguinte conjectura: Euclides colou imagens da Vendéia, filtradas do *Quatrevingt-treize*, aos acontecimentos dramáticos de Canudos, provocando um deslocamento de referentes. Através de um jogo de imagens, ligou os eventos de 1793 aos fatos do seu próprio tempo, evidenciado a força que determinados escritos possuem sobre a contemporaneidade. Se, por um lado, o romance de Hugo marcou a narrativa euclidiana da Guerra de Canudos, por outro, o relato do escritor caboclo influenciou, em muito, os sentimentos e as opiniões dos seus contemporâneos e dos pósteros acerca daquele massacre. Talvez não seja óbvio assinalar que, ainda hoje, as pesquisas sobre a Guerra de Canudos passam por uma análise do *corpus* documental e das teses expostas em *Os Sertões* – quer simpatizemos ou não com as mesmas.

Para finalizar, sublinhamos que os resultados apresentados nessa comunicação são provisórios e que, certamente, serão ultrapassados pela dinâmica intrínseca à pesquisa em história e pela historicidade de nossa caótica e fugaz contemporaneidade.

⁵⁵ Idem, p. 363.

⁵⁶ Cf. HUGO, Op. cit., p. 21.

⁵⁷ Cf. CUNHA, *Os Sertões*, p. 348.

⁵⁸ Idem, p. 400.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERNUCCI, Leopoldo M. **A imitação dos sentidos**. São Paulo: EDUSP, 1995.
- BRANDÃO, Adelino. Euclides da Cunha e Victor Hugo. In: _____. **Enciclopédia de estudos euclidianos**. Jundiaí: Jundiá, 1982, p. 25-45.
- CARVALHO, José M. de. **A formação das almas**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.
- CUNHA, Euclides da. **Canudos** (Diário de uma expedição). Rio de Janeiro: José Olympio, 1939.
- _____. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1995.
- _____. **Os Sertões** (Campanha de Canudos). São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- DE DECCA, Edgar Salvadori. *Os Sertões* e sua cena original. In: AGUIAR, Flávio; CHIAPPINI, Lígia. **Civilização e exclusão**. São Paulo: Boitempo, 2001, p. 137-162.
- DUPY, Roger. Vendéia e Chouannerie. In: VOVELLE, Michel (Org.). **França Revolucionária (1789-1799)**. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 295-299.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. Euclides e a Revolução Francesa. In: _____. **Saco de gatos: ensaios críticos**. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 85-89.
- _____. Euclides da Cunha. In: PIZARRO, Ana (org.). **América Latina: palavra, literatura e cultura**. São Paulo: Memorial; Campinas, UNICAMP, 1994, p. 615-633.
- HARDMAN, Francisco Foot. Brutalidade antiga: sobre história e ruína em Euclides da Cunha. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 10, n. 26, p. 293-310, jan./abr. 1996.
- HUGO, Victor. **Quatrevingt-treize**. Paris: Garnier-Flamarion, 1965. (Tradução em língua portuguesa : **Noventa e Três**. Porto: Lelo e Irmão, 1977).
- PÉRONNET, Michel. Vendéia, In: _____. **A Revolução Francesa em 50 palavras-chaves**. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 276-282.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- VENTURA, Roberto. “A Nossa Vendéia”: Canudos, o mito da Revolução Francesa e a formação da identidade cultural no Brasil (1897-1902). **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 31, p. 129-145, 1990.
- _____. Euclides da Cunha e a República. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 10, n. 26, p. 275-291, jan./abr. 1996.
- _____. Mito e tragédia em Euclides da Cunha. **Folha de São Paulo**, 11 de setembro de 1994. Caderno Mais!, p. 6.